



DE FEIRA LIVRE A MERCADO MUNICIPAL DONA LILI; A MUDANÇA DAS CATEGORIAS DE ESPAÇO, ECONOMIA E APROPRIAÇÃO CULTURAL (1934 – 2020).

Rute Araújo Ferreira de Sousa¹
José Clendson Rodrigues de Macedo²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas nas categorias de espaço, relações comerciais e apropriação cultural ocorridas com a transferência da feira livre/popular do Mercado Municipal José Lopes da Silva para o Mercado Municipal Dona Lili em Oeiras. De acordo com essa perspectiva buscou-se o entendimento da importância da feira para o município e as nuances geradas com o deslocamento dessa atividade de um espaço para o outro. Assim, para alcançar os objetivos propostos foram realizadas leitura e fichamento de literatura específica sobre o tema, questionários online, análise sobre as literaturas específicas, coleta de dados da pesquisa online e por fim, confrontação de dados obtidos por meio dessas. Deste modo, com a pesquisa verificou-se que a feira livre é de fundamental importância no comércio de Oeiras, pois influencia o desenvolvimento do município, beneficiando pequenos produtores rurais e feirantes que vivem desse ramo. Além disso, o estudo de caso demonstrou que a apropriação do espaço geográfico onde ocorre a feira livre (seja no passado ou presente) está atrelado a aspectos socioeconômicos e culturais.

Palavras-chave: Feira – Oeiras – Espaço – Economia - Apropriação cultural.

DE LA FERIA LIBRE AL MERCADO MUNICIPAL DONA LILI; ESTUDIO DE CASO SOBRE EL CAMBIO DE LAS CATEGORÍAS DE APROPIACIÓN DE ESPACIO, ECONOMÍA Y CULTURAL (1934 - 2020).

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar los cambios sucedidos en las categorías de espacio, relaciones comerciales y apropiación cultural que ocurrieron en la transferencia de la feria libre/popular del Mercado Municipal José Lopes da Silva para el Mercado Municipal Dona Lili en Oeiras. De acuerdo a esa perspectiva, se buscó el entendimiento de la importancia de la feria para el municipio y los matices generados a partir del desplazamiento de la actividad de un espacio para el otro. De esa forma, para alcanzar los objetivos propuestos, se realizó lectura y análisis de literatura específica sobre el tema, cuestionarios online, colecta de datos de las encuestas y por fin, una confrontación de los datos obtenidos a través de esas. De este modo, se pudo verificar que la actividad de la feria libre es fundamental para el comercio de la ciudad de Oeiras, ya que ejerce influencia en el desarrollo del municipio beneficiando a pequeños productores rurales y comerciantes que viven del rubro. Además, el caso de estudio demostró que la apropiación del espacio geográfico donde ocurre la feria libre, sea en el pasado o en el presente, está enlazado a los aspectos socioeconómicos y culturales a la vez.

Palabras clave: Feria – Oeiras – Espacio – Economía – Apropiación Cultural

¹Graduada pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, rafdiss@gmail.com;

²Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí-UFPI, clendsonmacedo@gmail.com;



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito investigar a trajetória histórica da construção e funcionamento do Mercado Municipal José Lopes da Silva no município de Oeiras-PI, conhecido de forma popular como Mercado Velho, bem como identificar quais fatores motivaram a construção do Mercado Municipal Dona Lili e comparar as vivências de espaço, relações comerciais e apropriação cultural no Mercado Municipal José Lopes da Silva e no Mercado Municipal Dona Lili.

Nosso objetivo foi analisar as mudanças ocorridas nas categorias de espaço, economia e apropriação cultural ocorridas com a transferência da feira livre/popular de um espaço para outro, levando em consideração que neste município, assim como em todo Brasil, a feira livre constitui uma modalidade de mercado varejista ao ar livre ou não, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos.

Nesse sentido, a feira livre é de fundamental importância no comércio de Oeiras, pois influencia o desenvolvimento do município, beneficiando pequenos produtores rurais e feirantes. É importante destacar que por muito tempo todo esse conjunto de atividade era concentrada em torno do Mercado Municipal José Lopes da Silva (conhecido popularmente como Mercado Velho, pois se trata de uma obra da Era Varguista).

Nessa premissa, alguns feirantes que não possuíam alvará de funcionamento, ocupavam ruas laterais e em volta do mercado, as barracas eram montadas em cima de calçadas interferindo na mobilidade dos pedestres, também haviam aqueles que comercializavam suas mercadorias nas carrocerias dos carros sem nenhum critério de armazenamento e higienização. Nesse pressuposto, se fez necessário a intervenção do poder público, no sentido de planejar a construção de um centro comercial que oferecesse melhores condições de trabalho, segurança, higiene e consumo para trabalhadores/feirantes e os clientes de modo geral.

Dessa forma, no dia 14 de março do ano de 2017, sob intensa e festiva comemoração, foi entregue à população oeirense o novo mercado público. Porém, conforme os registros financeiros de vendas e relatos orais de feirantes (inclusive alguns



disponíveis em sites locais) após alguns meses de funcionamento o novo mercado de Oeiras apresentou falta de movimento e vendas abaixo do esperado, contrariando todas as expectativas geradas. Deste modo, a escolha do tema da pesquisa foi norteadada pelo anseio de pesquisar as mudanças de espaço, fatores econômicos e apropriação cultural ocorridos com a transferência da feira do ‘Mercado Velho’ (construído e inaugurado em 1934 a 1944) para o Mercado Municipal Dona Lili, conhecido como ‘Mercado Novo’.

Tomando os espaços públicos como lugares privilegiados para o embate dos diferentes interesses e necessidades em jogo, pois a modernidade urbana maximiza o duelo entre diferentes setores o problema que se arrola nessa pesquisa é: Quais mudanças ocorreram nos seguimentos acima citados? Assim, por meio da territorialidade popular da feira livre em Oeiras, buscaremos desenvolver uma reflexão ampliada acerca de algumas das tendências mais gerais da metrópole contemporânea, portadora das novas formas de acumulação e de condições de sobrevivência material, de afirmação cultural e de busca do exercício da economia.

Portanto, a pesquisa denota a organização espacial como “fruto de agentes sociais concretos atuando sobre o espaço urbano num constante processo de reorganização espacial que se faz através da incorporação de novas áreas ao tecido da cidade”. Deste modo a hipótese levantada por esta pesquisa é que: A transferência da feira livre em Oeiras do ‘Mercado Velho’ para o Mercado Municipal Dona Lili enquanto objeto de estudo de natureza geográfica, pode ser investigado por meio das mudanças históricas da sociedade e das contradições sociais que transcorrem no tempo e no espaço.

Temos como pressuposto, identificar as justificativas apontadas como causa desse declínio nas vendas, que é dada por muitos como: o fato da distância entre o novo mercado e as agências bancárias, a existência de outros estabelecimentos comerciais mais próximos e pelo fato de sua localização estar próxima a uma galeria a céu aberto. Do contrário, analisaremos se tais justificativas não possuem nenhuma relevância de ação e feito, uma vez que a explicação mais razoável para tal resultado esteja no fato de que a transição da feira de um espaço para outro foi incorporado como uma tentativa de desconstrução espacial, mental e cultural de forma brusca fazendo com que o fim da antiga feira e implantação do novo mercado, causasse uma espécie de estranhamento no planejamento urbano e apropriação cultural. (Siman, 2010, p.583). Ou seja, o espaço geográfico é precisamente elaborado. Nas palavras de Milton Santos (1978), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”; nessa perspectiva, o espaço também interfere nas



diferentes formas que podemos compreender a realidade e a ela dar significado, ganhando, nessa lógica, uma substância, em termos de conteúdo, que lhe dá uma dinâmica própria.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa utilizada para elaboração do artigo se deu através de revisão bibliográfica e também foram utilizadas as técnicas de coleta de dados por meio de questionários estruturados e enviados por meios remotos, uma vez que em decorrência da pandemia gerada pela COVID-19, os mesmos não puderam ser realizados de forma presencial, por isso, a relação entre a pesquisadora e os pesquisados foi mediada virtualmente, entretanto, não houve perda alguma da sua fidedignidade.

Nesse sentido, foram realizados dois questionários, um para os público geral (usuários da feira) e outro para os feirantes. Também foram realizadas: leitura e fichamento de literatura específica sobre o tema e confrontação de dados obtidos nas leituras específicas e pesquisa online. É importante destacar que a metodologia desta pesquisa é plural, pois abrigou diferentes saberes, como os da geografia, gestão pública e as finanças. O presente estudo tem como propósito oferecer subsídios sobre a história do Mercado Municipal José Lopes da Silva no município de Oeiras-PI, conhecido de forma popular como Mercado Velho, e mais recentemente, substituído pelo novo Mercado Municipal Dona Lili. Nesse sentido, o estudo assentado na Geografia Urbana sob o viés das expressões sociais, econômicas e culturais de um povo, através das suas atividades produtivas. Nesse aspecto, torna-se imprescindível para a construção desses conhecimentos sobre a realidade do território piauiense e desse modo, levar a comunidade à perspectiva de reconhecer, identificar, analisar e compreender o seu espaço cotidiano, o seu lugar, a partir das relações que se estabelecem com as demais escalas espaciais – regionais, nacionais, globais, partindo das atividades produtivas que alimentam a cidade de Oeiras, até o reconhecimento da importância dessa atividade enquanto parte estruturante do espaço do estado geográfico piauiense e brasileiro.

Diante disso, justifica-se este estudo pela necessidade e importância de conhecer de forma mais sistematizada o funcionamento deste mercado municipal, enquanto instrumento estruturante de um modo de vida, no decorrer de sua história, ao mesmo tempo, a representação de atividades produtivas da região, na agricultura familiar, no



artesanato local, em atividades produtivas de diversas origens e usos, constituindo como marco histórico e tornando-se atração turística e cultural essencial para quem almeja conhecer o recorte histórico temporal da primeira capital do estado do Piauí.

Com os objetivos, buscou-se analisar as mudanças ocorridas nas categorias de espaço, economia e apropriação cultural ocorridas com a transferência da feira livre/popular de um espaço para outro, tendo como objetivos específicos propostos: Investigar a trajetória histórica da construção e funcionamento do Mercado Municipal José Lopes da Silva, popular “mercado velho”; Identificar quais fatores motivaram a construção do novo mercado “Dona Lili” e como se deu sua edificação; Comparar as vivências de espaço, relações comerciais e apropriação cultural no Mercado Municipal José Lopes da Silva e no Mercado Municipal Dona Lili.

Diante desse entendimento da importância da feira para a cidade e região adjacente, considerando como território das práticas políticas o local da produção e reprodução da sociedade: “Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais”. (Corrêa, 1995). Ou ainda conforme Haesbaert, (2006). A compreensão da relação entre esses territórios demonstra que, ao contrário do que fazem acreditar os discursos da globalização, o território ganha cada vez mais importância. Deste modo, verificou-se que a feira livre é de fundamental importância no comércio de Oeiras, mas também em outros aspectos para a própria constituição da sociedade, pois influencia o desenvolvimento do município, beneficiando pequenos produtores rurais e feirantes que vivem desse ramo. Além é claro de todas as nuances socioculturais que a envolve, através da apropriação do espaço geográfico onde ocorre a feira livre (seja no passado ou presente) está atrelado de tal maneira ao patrimônio cultural que não se pode separar um do outro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar dos avanços nos últimos anos no que diz respeito aos estudos geográficos e suas definições o que se tem observado é que desde o surgimento da Geografia como ciência moderna, essa enfrenta entraves epistemológicos e conceituais. Baseado nessa premissa, apresentaremos formulações de três conceitos balisadores desse trabalho. A saber, espaço, relações econômicas e apropriação cultural.



Inicialmente falaremos sobre o espaço. Como relata Milton Santos, encontrar uma definição única para espaço, ou mesmo para território, é tarefa árdua, pois cada categoria possui diversas acepções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (Santos, p.122). Assim, compreendemos que o espaço geográfico é o resultado contínuo das relações sócio-espaciais e tais relações são econômicas.

À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. (SANTOS, Milton. 2006. p.39.)

Nessa perspectiva, chegamos no segundo conceito base dessa pesquisa, que são as relações econômicas. Sabendo que o espaço é construído pelas práticas humanas e que essas quase sempre, estão relacionado à manifestação de condutas no meio financeiro e tecnológico, percebemos que a definição das relações econômicas está ligada a maneira como os homens produzem e distribuem os seus produtos e serviços num determinado modo de produção e que tais mecanismos são responsáveis pelas modificações no espaço geográfico. Alterando o meio, produzindo novos ambientes, criando espaços privilegiados, influenciando os fluxos migratórios e interferindo na geopolítica mundial.

Porém, é importante destacar que as relações econômicas vão muito além da visão da ortodoxia econômica que as concebem como um sistema mecânico, formado exclusivamente pela reunião de firmas ou empresas difusas no espaço ou de mercados movidos por preferências racionais, que se desempenham dentro de um padrão. Na verdade, na atualidade o campo geográfico entende as relações econômicas como produto de forças coletivas e em permanente construção. Dentro dessa visão essas forças seriam as preferências e escolhas individuais, as instituições, as organizações, as normas e as leis, assim como os hábitos, as rotinas de grupo, os valores e os comportamentos sociais. Desta forma, podemos entrever que as relações econômicas são diversificadas, estruturadas por influências culturais, sociais e institucionais. No tocante a essa assertiva chegamos na terceira definição que é a apropriação cultural.

O termo apropriação cultural está em voga, vindo da antropologia, seu conceito faz alusão ao uso de elementos de uma cultura minoritária por outra dominante e que podem ser: costumes, símbolos, objetos, comportamentos, hábitos dentre outros.



Sabemos que a vivência em sociedade faz com que vários símbolos culturais passem por um processo de apropriação. Nessa concepção, é preciso entender que a apropriação cultural também pode se referir a retirada de vivências ou mecanimos de seu contexto para representa-los ou oferece-los como simples bens de consumo. Oeiras está situada na região centro-sul do estado do Piauí e é um município da Microrregião de Picos. Conforme Fonseca Neto Oeiras “é a síntese de todos os Piauí. Criada em 1696 na intenção de D. Francisco de Lima, bispo-frei de pernambucana cabrobice, (...) representa a marca institucional primeira de tudo que se chamaria depois de Piauí”.

A cidade configura a primeira formação do que seria o povo do “sertão de dentro” e surgiria como polo de encontro no caminho de formação do Piauí, uma vez que os principais eventos relacionados ao surgimento do nosso estado estão relacionados a “Terra Mater do Piauí” como defendia o professor Possidônio Queiroz. Sua população, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi estimada em 37.029 habitantes em 2019. Economia voltada para o comércio que se apresenta como a principal fonte de renda, sendo Oeiras considerada o mais importante centro comercial do vale do Rio Canindé, pois articula com dinamismo o segundo setor na região.

Oeiras nasceu ao redor de uma Igreja Católica, seu povoamento se deu a partir da instalação das primeiras fazendas de gado de Domingos Afonso Mafrense. Nas palavras de Dagoberto de Carvalho Jr (1992, p.65) “nenhuma cidade é portuguesmente brasileira se não nasce em derredor de uma igreja”. Logo podemos afirmar que foi a partir do catolicismo que a vida social, econômica e cultural da cidade foi regulamentada.

A fisionomia rural foi uma característica marcante para a cidade e, também capital da Província, durante muito tempo em sua história. O ano de 1852 representaria uma mudança significativa para o povo oeirense que veria sua capital sendo transferida para a cidade de Teresina pelo conselheiro José Antônio Saraiva. O tempo foi passando e “o desenvolvimento de Oeiras ocorria de forma muito lenta, a vida urbana só começou a se esboçar a partir do século XIX com o surgimento das atividades econômicas e a prestação de serviço” (REIS, 2009:37).

Em meados de 1929 a cidade continuava provinciana, estava muito longe de vivenciar as transformações dos grandes centros vizinhos, enquanto algumas cidades já desfrutavam da eletricidade, Oeiras ainda era iluminada por lampiões à gás. Somente a partir de 1930 algumas mudanças começaram a surgir, um exemplo disso foi a substituição do intendente por prefeito, conforme telegrama do governador do estado em



26 de outubro de 1930 “ficam dissolvidos os conselhos municipais e cassado o mandato aos intendentess municipais do estado do Piauí, artigo segundo até definitiva organização do Estado o poder municipal será exercido por um prefeito de nomeação do governo do estado.” (SOARES FILHO, 1992:204). Os prefeitos sucessores continuaram nessa mesma ótica, período marcado pelo Estado Novo, que traz em seu bojo político de um lado o autoritarismo e do outro o nacionalismo. (REIS, 2009).

Nesse contexto, deu-se o início das obras de construção do Mercado Público Municipal, todavia é importante destacar que conforme relatos de oeirenses anciãos, mesmo antes da edificação dessa obra a feira livre já acontecia na cidade, sendo que as atividades de vendas eram realizadas no centro da velha urbe.

A feira livre em Oeiras sempre representou uma experiência peculiar de meio de trabalho, sobrevivência, sociabilidade e de uso da rua. Pois, evoca os saberes e fazeres que sistematizam nessa trajetória: as formas de tratar os fregueses, os conhecimentos sobre os alimentos, suas origens, circulação e distribuição, as redes de fornecedores dentre outros fatores. Antes mesmo da construção de um espaço destinado a essa atividade, a mesma já acontecia na região através da distribuição de bancas e quioques pelo centro da cidade que ofereciam seus produtos e serviços.

Com o passar dos anos esse ofício começou a expandir-se atraindo comerciantes das cidades adjacentes. Esse crescimento fez com que a rotina da população oeirense fosse modificada, uma vez, que ocorreu um maior fluxo de pessoas, mercadorias e serviços pelas ruas da cidade. A esse respeito, como não havia um ponto de referência para a ocorrência da feira, ela era realizada apenas aos sábados, em locais distintos, mas com maior concentração no entorno do centro histórico, na chamada rua da feira, com a venda de produtos diversos. Com o passar das décadas ela foi crescendo com o aumento de barracas de frutas e verduras, vestuário, utensílios e a venda ambulante. (SILVA, 2020).

Assim, fez-se necessário a construção de um espaço que concentrasse e organizasse essa atividade. Dessa forma, sob o governo de Getúlio Vargas, a feira em Oeiras tomou novos contornos que são marcados pela início das obras de construção do Mercado Público Municipal, em área da antiga Praça da Conceição. Prédio de construção sólida, amplo, funcional, considerado extremamente moderno na época de sua inauguração (1944). A sua finalidade seria abrigar a feira livre/popular com suas



atividades econômicas, além disso, outro fator a ser observado é que em Oeiras a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares.

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Nesse contexto, podemos afirmar que a instituição de um ponto referência para feira livre em Oeiras provavelmente também surge da conveniência de projeção de um espaço que levasse em consideração o conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Desse modo, a construção e organização do Mercado Municipal José Lopes da Silva se deu tanto no âmbito social como em formas e funções definidas historicamente, localizado na Rua Rocha Neto, ele abrigou a feira livre/popular que funcionava de segunda-feira aos sábados (ocorrendo de segunda a quarta e sábado apenas com bancas da cidade e na quinta e sexta com feirantes de outras localidades). Esse espaço também colocou em ação durante décadas “o colorido sertanejo das feiras repletas de produtos trazidos por tropas de jumentos, caminhões e pick-ups. Havia violeiros repentistas e vendedores da banha do peixe-boi da Amazônia”.

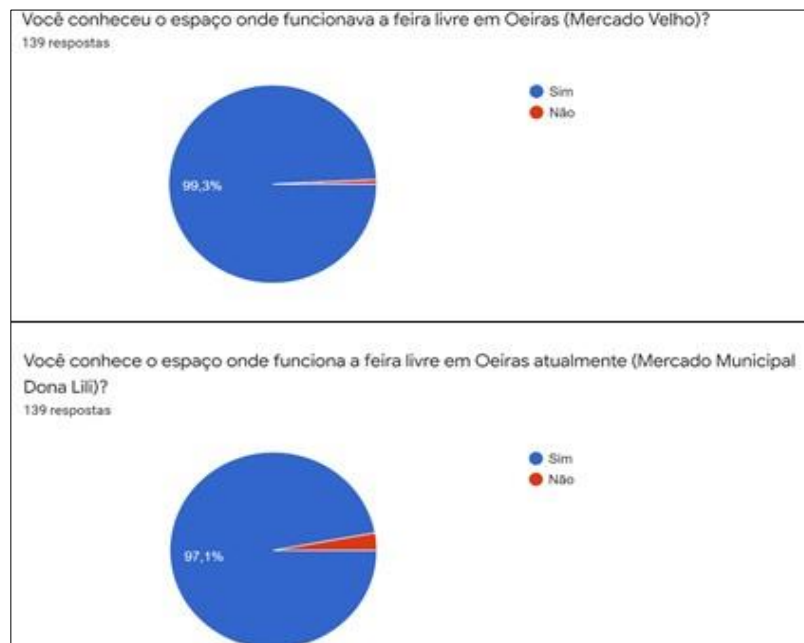
Gabardo (2004) enfatiza a importância de entender a evolução histórica de um lugar para contemplar as informações sobre os momentos lá vividos e, assim, compreender as transformações paisagísticas ocorridas no intervalo de tempo analisado. Por isso, cremos que hoje o Mercado Municipal Dona Lili necessita de incentivos e valorização, que o dote de significado por quem o utiliza (seja feirante ou consumidor) para assim compor a memória e a identidade urbana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O objetivo deste tópico é apresentar e analisar os resultados das informações obtidas na pesquisa de campo, através do questionário online. Utilizando um roteiro qualitativo, aplicado junto ao público geral (139 respostas) e aos feirantes (12 respostas) dos mais diversificados setores do comércio e serviços, são apresentados os resultados a seguir. Foi perguntado ao público geral se eles conheciam o espaço onde funcionava a feira livre (Mercado Municipal José Lopes da Silva conhecido popularmente como Mercado Velho) e se eles conhecem o espaço onde atualmente funciona essa atividade (Mercado Municipal Dona Lili, também chamado de Mercado Novo). De acordo com os dados obtidos 99,3% dos entrevistados responderam que conheciam o espaço aonde funcionava a feira, enquanto 97,1% dizem conhecer o espaço atual. Assim, apesar de resultados próximos é possível afirmar que o espaço do Mercado Velho era mais conhecido do que o do Mercado Municipal Dona Lili.

Figura 1– Conhecimento dos espaços onde ocorreu/ocorre a feira livre



Fonte: Elaborado pela autora, com base na pesquisa realizada.

Buscou-se saber a opinião do público geral sobre a estrutura (localização, higiene, organização) do espaço da antiga feira livre de Oeiras e também do Mercado Municipal Dona Lili. 46% dos entrevistados responderam que a estrutura do Mercado Velho era péssima, 33,1% que era ruim e 12,9% regular. Em relação a estrutura do novo mercado 44,6% opinaram que a nova estrutura é excelente e 38,8% que é boa. De acordo, com as informações percebemos que os usuários reconhecem que a estrutura do Mercado Velho não era boa, enquanto a do Mercado Municipal Dona Lili se apresenta com excelência.



Figura 2– Opinião sobre a estrutura dos espaços onde ocorreu/ocorre a feira livre

Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.



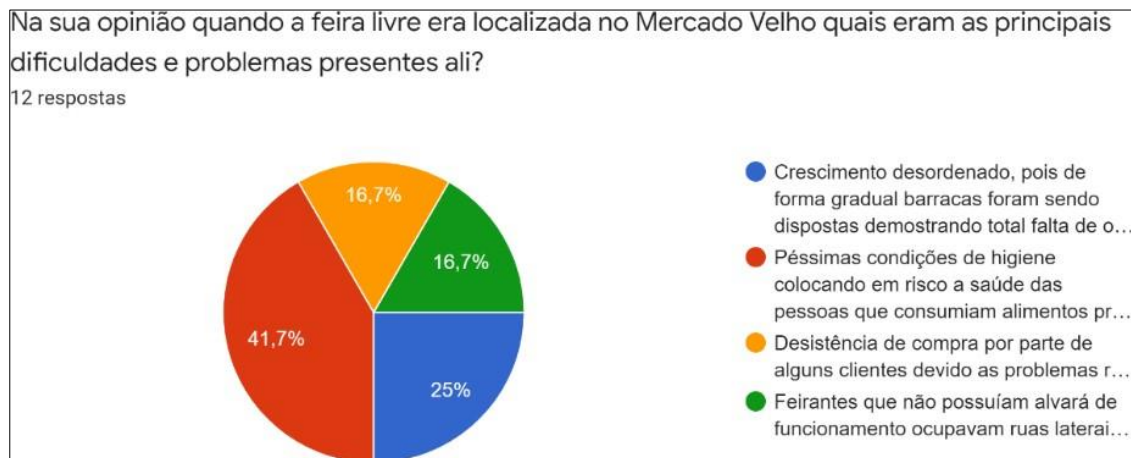
Nesse viés, foi perguntado aos feirantes qual estrutura de funcionamento da feira livre (Mercado Municipal José Lopes da Silva ou Mercado Municipal Dona Lili), eles consideram oferecer melhores condições de higiene, melhor logística para trânsito de pessoas e veículos, maior disponibilidade de pontos comerciais. De acordo com as respostas obtidas 66,7% consideram o Mercado Municipal Dona Lili como sendo o espaço que apresenta a melhor infraestrutura, enquanto 33,3% opinaram pelo espaço do Mercado Municipal José Lopes da Silva. Vemos aqui que assim como o público geral os feirantes também reconhecem que a melhor infraestrutura está presente no Mercado Municipal Dona Lili.

Os feirantes através da pesquisa também apontaram quais eram os principais problemas e dificuldades presentes na feira livre quando era localizada no Mercado Velho. 47,7% apontaram para as péssimas condições de higiene colocando em risco a saúde das pessoas que consumiam alimentos produzidos, ou mesmo comercializados ali. 25% para o crescimento desordenado, pois de forma gradual barracas foram sendo dispostas demonstrando total falta de organização. E de igual modo 16,7% para a desistência de compra por parte de alguns clientes devido os problemas relacionados a higiene /infraestrutura e para os feirantes que não possuíam alvará de funcionamento e ocupavam ruas laterais, e em volta do mercado. Esses dados são importantes, pois confirma a séries de problemas que existiam no antigo espaço da feira livre.



Figura 3– Opinião sobre os principais problemas da feira no Mercado Velho

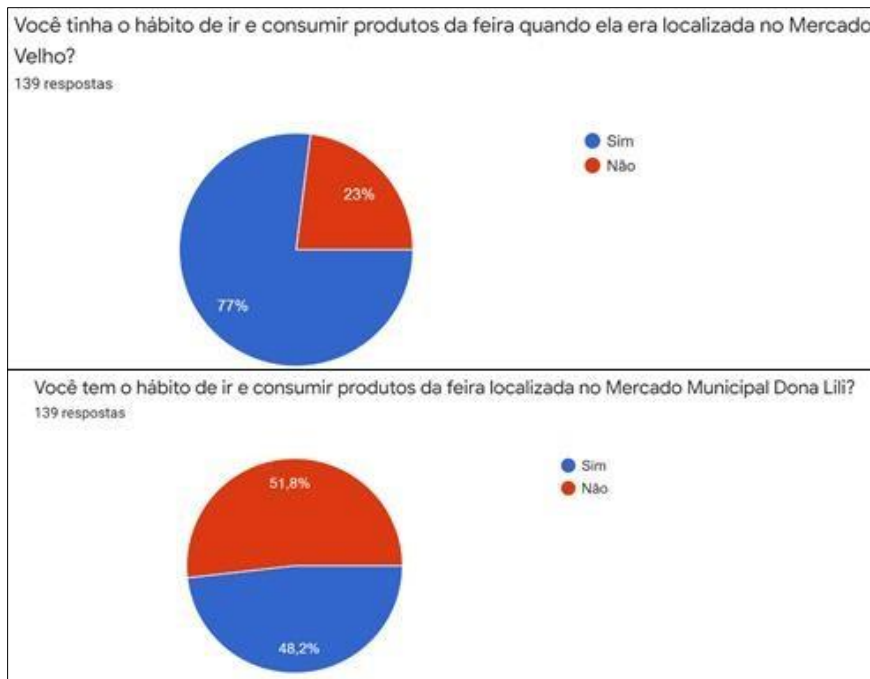
Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.



Conjuntamente procuramos saber se as pessoas tinham o hábito de ir e consumir produtos da feira quando ela era localizada no Mercado Velho e se esse hábito continua depois da transferência de espaço. A esse respeito, 77% respondeu que quando a feira era localizada no Mercado Municipal José Lopes da Silva tinha o hábito de ir e consumir os produtos e serviços ali oferecidos, enquanto 33% responderam que não. A mesma pergunta aplicada a realidade do Mercado Municipal Dona Lili apresentou os seguintes resultados: 51,8% respondeu que não e 48,2% que sim. Através dos resultados verificou-se o hábito de ir e consumir produtos e serviços da feira teve uma queda com a instalação dessas atividades no Mercado Municipal Dona Lili.

Por isso, procurando investigar as possíveis causas dessa mudança, perguntamos por meio de questionários do *google docs*, as razões para essa transformação de praxes. Usando como referência as respostas obtidas, duas razões foram mais citadas como motivos, sendo elas: o fato de muitas bancas (principalmente de frutas, verduras, cereais e vestuário) terem retornado para o centro da cidade, alugando pontos fixos fazendo que com a localização seja mais favorável. E a segunda razão é falta de variedade de produtos e serviços no novo mercado fazendo com que os consumidores comprem em outros espaços.

Figura 4 – Hábito de consumo dos produtos da feira (passado e presente)



Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Na pesquisa também foi perguntado ao público geral os pontos positivos e negativos em relação ao espaço do Mercado Municipal Dona Lili. Como pontos positivos 55,4% elencaram a limpeza e a higiene e 38,8% a amplitude, estética e design do novo espaço. Por outro lado, como pontos negativos 67,6% apontaram a distância do novo mercado de agências bancárias e outros estabelecimentos comerciais. 17,3 % consideraram a falta de incentivo público como principal ponto negativo e 10,1% a localização do Mercado Municipal Dona Lili ser próximo a uma galeria de esgoto a céu aberto.

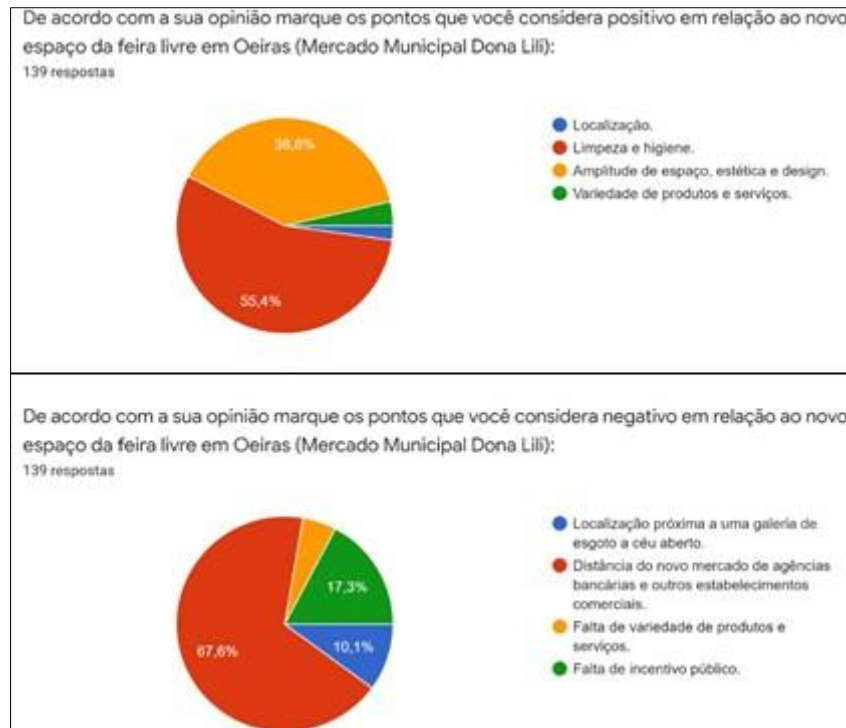
Mensurados essas questões, ainda dentro desse contexto a pesquisa investigou a opinião do público geral e dos feirantes sobre a concordância ou não do retorno da feira livre em Oeiras para o espaço do Mercado Velho e duas possíveis consequências se essa ação fosse efetivada. No tocante as respostas, 68,3% do público geral discorda do retorno da feira livre para o espaço do antigo mercado enquanto 31,7% concorda. Entre os feirantes 66,7% é a favor do retorno enquanto 33,3% é contra.

Em relação as consequências 74,8% do público geral acreditam que trazer a feira de volta para o espaço do Mercado Municipal José Lopes geraria outro problema, ao desconsiderar os investimentos para a construção do outro espaço. Enquanto 25,2% creem que o retorno resolveria todos os problemas e entraves da feira livre de Oeiras na atualidade. Entre os feirantes 75% afirmam que o retorno ao Mercado Velho resolveria



todos os problemas e entraves da feira livre de Oeiras na atualidade. Enquanto 25% acreditam que o retorno geraria outro problema, ao desconsiderar os investimentos para a revitalização e melhorias do outro espaço.

Figura 5– Pontos positivos e negativos do novo espaço da feira

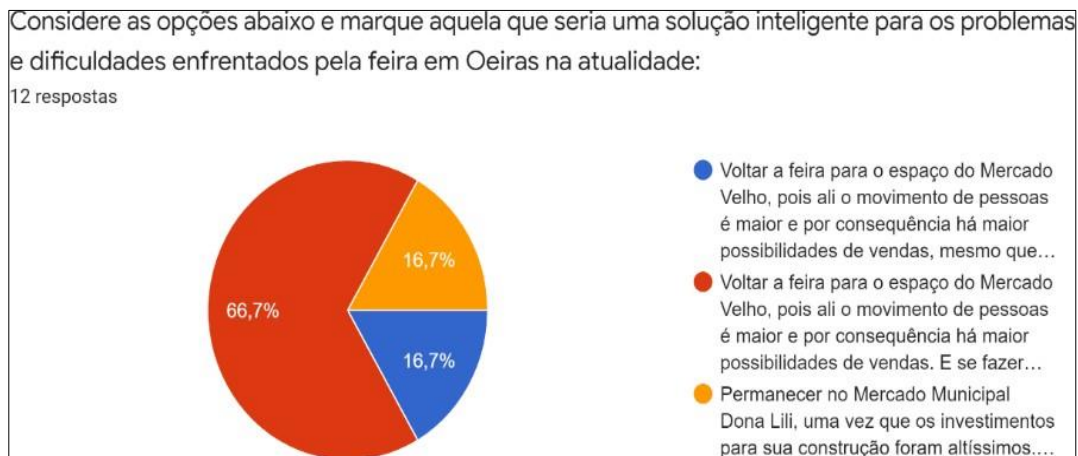


Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Perguntou-se aos feirantes qual estrutura de funcionamento da feira livre eles consideravam oferecer melhor infraestrutura 66,7% responderam que é o espaço do Mercado Municipal Dona Lili (Figura 5), apesar disso, a maioria dos entrevistados também responderam preferir o retorno da feira para o antigo espaço onde ocorria. Sendo que em outra questão dentro da mesma ênfase 66,7% defendem que a solução para todos os entraves e dificuldades enfrentados pelos feirantes na atualidade seriam superados através de um projeto de revitalização e reforma do Mercado Municipal José Lopes da Silva, fazendo com que a feira volte ao lugar de outrora, mas com uma infraestrutura melhor, pois na visão de boa parte dos entrevistados, ali o movimento de pessoas é maior e por consequência há maior possibilidades de vendas (figura 6).



Figura 6– Soluções para os problemas da feira na atualidade



Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Entende-se que a feira livre em Oeiras é uma estrutura de comercialização de fundamental importância para a garantia do sustento financeiro dos feirantes e de qualidade de vida da população do município, perguntamos ao público geral e aos feirantes, dentre as afirmativas do questionário qual eles acreditavam ser a razão responsável pelo projeto de transferência da feira livre do Mercado Municipal José Lopes da Silva para o Mercado Municipal Dona Lili. Sobre essa assertiva o 41,7% do público considera que a busca por melhorias na infraestrutura e higiene foram os fatores que motivaram a mudança, 26,6% acreditam que foi a necessidade de melhorias nas condições de trabalho para os feirantes e consumidores, 12,9% pontuou que foram interesses políticos/partidários e 10,8% creem que a necessidade de preservar e dar maior visibilidade ao centro histórico da cidade foi o balizador da mudança.

Entre os feirantes 58,3% afirmam que a mudança ocorreu devido a interesses políticos partidários, 16,7% considera que foi a busca por melhorias na infraestrutura e higiene e 16,7% indicou como razão interesses particulares/privados. Também procuramos saber se os feirantes foram procurados e tiveram a oportunidade de participação na elaboração do projeto para a transferência da feira do Mercado Velho para o Mercado Municipal Dona Lili, a esse respeito, 83,3% responderam que não e 16,7% sim, através dessas informações vemos que apesar da feira ser de maior interesse dos feirantes, não houve um planejamento conjunto dos poderes públicos com esses, no que concerne a transferência da feira.



Figura 7-Motivação para a transferência da feira



Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Ao questionar-se acerca da motivação da transferência, 41,7% dos entrevistados apontaram como melhor por conta da infraestrutura e higiene.

Figura 8– Participação dos feirantes no projeto de mudança.



Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Em duas perguntas obtivemos 100% de uma mesma resposta, a saber, se os entrevistados conhecem alguém que exercia atividade comercial na feira livre de Oeiras e por algum motivo deixou a atividade depois da transferência para o espaço do Mercado Municipal Dona Lili e se concordam ou não que um dos grandes problemas da feira livre



em Oeiras no espaço do Mercado Municipal Dona Lili é que não foi preparada e nem trabalhada a questão da mudança como novo hábito cultural, ou seja, nem os feirantes e nem público consumidor se adaptaram ao novo, uma vez que hábitos culturais não se mudam da noite para o dia, e não houve atenção para esse fato.

Figura 9 – Abandono de atividade e problemática da feira



Fonte: Elaborado própria, com base na pesquisa realizada.

Por fim sugere-se algumas alternativas de atividade comercial e serviço que surge como possibilidades de impulsão da feira livre de Oeiras no espaço do Mercado Municipal Dona Lili e pedimos que os entrevistados opinassem sobre as que acreditam ter maior eficiência. Mediante o ponto de vista do público geral e feirantes obtivemos os seguintes resultados:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens apresentadas permitem observar as mudanças e rupturas ocorridas nas categorias de espaço, relações comerciais e apropriação cultural ocorridas com a transferência da feira livre/popular do Mercado Municipal José Lopes da Silva para o Mercado Municipal Dona Lili em Oeiras. No cotidiano é possível perceber que o tratamento dos processos econômicos e das suas formas de espacialização considerando os diferentes aspectos do "espacial", em particular o que eles informam sobre o social e cultural, não é um exercício realizado com frequência (DICKEN; ANDERS, 2001).



Todavia extremamente necessário, principalmente quando analisamos a temática elucidada nesse trabalho.

As feiras são de suma relevância para o abastecimento de alimentos, nela as pessoas se cruzam, convivem e experimentam um cotidiano de diversidade. Em Oeiras, a feira livre é um exemplo do processo de reorganização constante da paisagem. Na verdade, toda a cidade com o passar dos anos sofreu inúmeras transformações, se adaptando as necessidades dos vários indivíduos e órgãos que a compõem. E essas nuances demonstram o modo como os homens coexistem no espaço, através das relações culturais e de produção.

Nessa premissa, por muito tempo a feira livre de Oeiras ocorreu no espaço do Mercado Municipal José Lopes, todavia, devido a problemas sanitários, crescimento desordenado e revés relacionado a legalidade de estabelecimento sentiu-se a necessidade da construção de um mercado municipal moderno que reparasse todos esses entraves. E assim se fez, com a construção do Mercado Municipal Dona Lili.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa podemos afirmar que a transferência da feira livre em Oeiras pode ser analisada como um movimento refletido “a partir das ações de agentes sociais concretos que (re)produzem e consomem o espaço urbano, rompendo padrões e definindo novas formas” de espaço, economia e apropriação cultural. Pois, o espaço geográfico é estruturado e ordenado pelo ser humano vivendo em sociedade e, cada grupo social fábrica historicamente, culturalmente e economicamente seu espaço como lugar de sua particular reprodução.

Nessa perspectiva, o espaço geográfico que corresponde atual da feira, tem em seu bojo de realidade, inúmeros desafios e contrariedades. Como turista em visita ao novo mercado perguntou: “Como uma cidade pode se dar ao luxo de renunciar a uma obra grandiosa como esta”? Mas, respondemos: A questão é que essa possibilidade é inviável, pois, o novo mercado público foi um caro investimento que precisa gerar retorno. Fazendo com que seus 512 boxes (e não somente 306 como na atualidade) “ganhem vida” e gerem lucratividade.

Assim, concluímos que o maior desafio para o sucesso da feira livre/popular em Oeiras no espaço do Mercado Municipal Dona Lili: É dotar esse lugar de significado, memória e identidade urbana nos seus usuários. Outrossim, a transferência da feira livre em Oeiras do Mercado Municipal José Lopes da Silva para o Mercado Municipal Dona Lili nos mostra que a cidade é dinâmica, transforma-se e evolui de acordo com as



mudanças ocorridas na sociedade, que, conseqüentemente, se refletem também no espaço público.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 25 de maio de 2020.

CARREIRO, Sóter.; NEWTON, Rogério. Crônicas enigmas de Oeiras. Oeiras – PI, Gráfica JB - 2017.

CARVALHO JR, Dagoberto – Passeio a Oeiras – Roteiro histórico e sentimental da cidade.

4º Edição. Recife. Gráfica Editora Apipucos S.A, 1992.

CASTELLS, M. O planeamento urbano (Item 5). In: Problemas de Investigação em sociologia urbana. Lisboa: Presença, 1986, p. 209-250.

COM FALTA DE MOVIMENTO E VENDAS FRACAS COMERCIANTES DO MERCADO

MUNICIPAL DONALILI. Página Inicial. Disponível em:

<https://portalintegracao.com.br/com-falta-de-movimento-e-vendas-fracas-comerciantes-do-mercado-municipal-dona-lili-buscam-outros-meios-de-sobrevivencia/>. Acesso em 12 de maio de 2020.

CORRÊA, R. L. Agentes modeladores e uso do solo urbano na cidade capitalista. Rio de Janeiro: [S. n.] 1979.

DiCKEN, P.; ANDERS, M. Firms in Territories: A Relational Perspective. Economic Geography, v. 77. n° 4, pp 345-366, 2001.

GABARDO, M. (2004). Paisagem urbana interpretada. In Anais do VII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – ENEPEA (p. 1- 14). Belo Horizonte: ENEPEA.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo, Editora Moraes, 1991.

MERCADO PÚBLICO DE OEIRAS FOI INAUGURADO. Página Inicial. Disponível em: <https://piauihoje.com/noticias/municipios/mercado-publico-de-oeiras-foi-inaugurado-nessa-sexta-14-31406.html>. Acesso em 12 de maio de 2020.

REIS, Amada de Cássia Campos. História e Memória da Educação em Oeiras: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina: Expansão/EDUFPI, 2009.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO. Nº 15. Ano 2000/01.

SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985. SANTOS, M. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988. SANTOS, M. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 2000. SAQUET, M. A SANTOS, M.

Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982.



- SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método, Boletim Paulista de geografia, nº 54, 1977.
- SANTOS, M. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: EdUSP, 2006.
- SILVA, José de Ribamar. Entrevista concedida a Rute Araújo Ferreira, Oeiras, 25 de maio de 2020.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. Entre o asfalto e a terra: a fecundidade educativa do cotidiano poético da cidade. In – DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Et al. (Orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- SOARES FILHO, Antônio Reinaldo. Oeiras municipal. Teresina, Gráfica Editora Júnior, 1992.
- WILLIAM, Rodney, Apropriação cultural. São Paulo: Pólen, 2019.